

FEDF manterá demissão e professor ameaça greve

23 JUL 1986

DF - Educação
CORREIO BRAZILIENSE

A decisão de demitir o diretor da Escola-Classe 05 da Ceilândia dificilmente será revista, a não ser que surja algum "fato novo". Esta é a posição do diretor da Fundação Educacional, José da Silva Quintas, que se reuniu ontem durante mais de cinco horas com os diretores dos Complexos A e C da Ceilândia. O assunto será retomado amanhã, em nova reunião com os diretores dos dois complexos, desta vez na Fundação Educacional.

José Geraldo foi demitido por não concordar que o cadastramento dos irmãos dos alunos para a participação no programa Irmãozinho, da FAE, fosse feito antes de maiores discussões com a comunidade. Segundo Quintas, o programa já tinha sido discutido com todos os diretores de complexos e estes dispuseram de tempo suficiente para conversar com professores e alunos. "Não está em discussão se o professor José Geraldo é ou não um bom diretor", observa Quintas, lembrando que José Geraldo ocupa um car-

go de confiança e portanto deve seguir as determinações da administração.

Enquanto o diretor da FEDF encontrava-se no Centro Educacional 02 com os diretores dos Complexos A e C, alunos, pais e líderes sindicais reuniram-se na Escola-Classe 05. De lá, foram em passeata até o Centro Educacional 02 carregando faixas e gritando frases de protesto contra a demissão do professor José Geraldo. No Centro Educacional, os manifestantes ficaram em frente à biblioteca, onde acontecia a reunião com os diretores, e começaram a exigir a presença de Quintas no auditório da escola. Como a reunião foi muito longa e o diretor da FEDF não quis interrompê-la para falar com os manifestantes, foi criada uma comissão de sete membros para participar do encontro.

Embora a reunião não tenha trazido nenhuma definição a respeito do problema, foi considerada importante pelos professores por ter representado a "retomada do diálogo". "Achei

a reunião válida, mas o diálogo teria que vir antes da atitude repressora", diz Lúcia Carvalho, presidente do Sindicato dos Professores.

Lúcia afirma que o Sindicato vai dar apoio irrestrito ao professor José Geraldo e enviar aos 15 mil professores sindicalizados do Distrito Federal um dossiê contando a "verdadeira história" da demissão. Ela acredita que a situação poderá agravar-se se a Fundação não voltar atrás na decisão de demitir o professor.

Neste caso, já está prevista a realização de uma assembleia logo após o reinício das aulas, dia 4 de agosto, para avaliar a situação. "Até uma greve pode acontecer. Eu já estou escutando as pessoas levantarem essa possibilidade", comenta a presidente do Sindicato dos Professores. Hoje, às 14h30, os professores vão reunir-se com a comunidade na Escola-Classe 05 para discutir o problema e retirar as posições que serão levadas à reunião de quinta-feira com o professor Quintas.

Demissionário vê autoritarismo

"As divergências entre os diretores dos Complexos A e C da Ceilândia e a direção da Fundação Educacional na questão do programa Irmãozinho, que culminaram com a minha demissão, são apenas uma ponta do iceberg. Tem muita coisa por baixo disso", afirmou o professor José Geraldo no encontro dos professores dos complexos com pais, alunos e líderes sindicais. O ex-diretor criticou a falta de diálogo e o autoritarismo da Fundação, que na sua opinião está atrapalhando a existência de uma escola crítica, "capaz de formar um cidadão livre".

O secretário-geral, do Diretório Regional do PT no DF e membro da diretoria do Sindicato dos Professores, Luiz Rossi, concorda que a crise tem raízes mais profundas. "O programa Irmãozinho só foi a gota da água num copo já cheio", observa Rossi, que leciona História no Centro Educacional 04 da Ceilândia. Segundo ele, a nova

administração da Fundação manteve o mesmo projeto da gestão da professora Eurides Brito, "que se resume na ausência de participação dos professores e da comunidade nas tomadas de decisão".

Observa que, embora os diretores de escolas e complexos tenham passado ser eleitos pela comunidade, eles continuam a deter um cargo de confiança. Isto, na opinião de Rossi, coloca-os numa situação muito difícil porque, se por um lado estão comprometidos com a comunidade que os elegeu, por outro são obrigados a seguir as determinações da direção da Fundação.

Segundo Rossi, esta posição "sui-generis" em que se encontram os diretores eleitos gerou situações muito constrangedoras, especialmente na última greve, quando tiveram que administrar interesses quase sempre opostos. A partir desta crise, os professores dos Comple-

xos A e C da Ceilândia decidiram realizar encontros periódicos para discutir duas questões: qual ensino e qual democracia eles querem.

Destas reuniões será retirado, no final de setembro, um documento que vai servir de "roteiro para a ação dos professores". Rossi observa que, além de uma avaliação político-pedagógica, este documento trará a definição de prioridades e caminhos para alcançá-las. "A FEDF não tem prioridades definidas em relação ao ensino. Hoje, pedagogicamente, a FEDF é anárquica", afirma Rossi.

Ele ressalta que o resultado desta falta de prioridades e "anarquia" pedagógica da Fundação é a má qualidade do ensino oferecido às populações mais pobres, "que saem da escola despreparadas para disputar uma vaga na universidade gratuita ou mesmo competir no mercado de trabalho".



Abordado pela comunidade, Quintas não volta atrás e mantém a demissão de José Geraldo

Mãe apóia programa e professor

A maioria das mães com filhos em idade pré-escolar presentes à manifestação no Centro Educacional 02 admitiu que gostariam de receber o alimento distribuído através do Programa Irmãozinho, embora não concordam com a demissão do professor José Geraldo. Para elas, as duas coisas estão intimamente ligadas. Uma das mães chegou a afirmar que "se for para demitir o diretor eu não vou buscar a comida".

— Acho que esse programa é bom. Eu já recebo o alimento do posto de saúde e quando minha menina tiver idade vou receber este também. E pouco mas recebo — afirmou Maria Lúcia dos Santos, que tem um filho de 9 anos na Escola-Classe 05 e outra garota de 02 anos e meio. Maria Lúcia só trabalha em casa. Seu marido

é autônomo e trabalha geralmente no Plano, "raspando tacho para pôr sinteco". Maria reconhece que o marido ganha pouco, e "nem sempre arruma alguma coisa para fazer".

Maria da Conceição Silva, que tem oito filhos, quatro dos quais na escola, também acompanhou toda a passeata. Sua filha caçula, de quatro anos, seria beneficiada pelo Programa Irmãozinho, mas Maria da Conceição ainda não sabe se vai pegar o alimento. "O programa é bom, só que eu não queria que tirassem o José Geraldo. Tirar uma pessoa boa do serviço só por causa disso é muito ruim. Eu só vou pegar a comida, se ele ficar", disse Maria da Conceição. Ela não trabalha fora e seu marido, que mora em Goiás e vem a Brasília uma vez por mês, ganha salário mínimo.

Na opinião do diretor do Complexo B da Ceilândia, Nadir Gomes Neves, que já distribuiu os alimentos do Programa Irmãozinho em todas as escolas sob sua direção, o programa não interfere na ação pedagógica, mas, pelo contrário, ajuda. "Sempre houve queixa por parte dos professores que a fome é uma das principais causas de prejuízo do rendimento escolar", diz Nadir.

O diretor da Fundação Educacional, José da Silva Quintas, observa que com o programa Irmãozinho a criança tem garantida a alimentação até os 14 anos, pois neste programa articula-se com o Inamps, de alimentação às mães, e com o programa de merenda escolar. "Diante da nossa realidade social isso é muito importante", afirma.